



O sistema viário já amenizou o problema do trânsito no centro, mas o "miolo" da cidade ainda está bastante tumultuado

## *Em discussão, a questão urbana*

# Técnicos exigem urgência no PDU de Cachoeiro

A questão urbana no município está causando muita polêmica entre engenheiros, arquitetos, biólogos e sociólogos da cidade. Todos eles consideram que é necessário se elaborar, com urgência, um Plano Diretor Urbano (PDU) visando a evitar a degradação do meio ambiente e a proliferação de favelas. O município de Cachoeiro conta atualmente com uma população de aproximadamente 150 mil habitantes e nunca, em toda a sua história, conheceu uma política urbanística coerente com suas necessidades. "O resultado disso — acentua o arquiteto Aluísio Contarini — é a formação de bolsões de pobreza em todos os bairros periféricos e a conseqüente formação de favelas". Para ele, o problema se agrava na medida em que se instalam, sem qualquer controle, indústrias poluentes em áreas residenciais.

Vera Lúcia de Paz

"Enquanto a toda cidade com população estimada acima de 20 mil habitantes seja recomendado um PDU, Cachoeiro ainda ostenta um crescimento desordenado, sem mapeamento da área que ocupa, o que

to, de forma desordenada, tornando o problema de saneamento urbano cada vez mais complicado, na medida em que a densidade demográfica dos bairros de periferia aumenta. "Isto sem contar a crescente diminuição das áreas verdes dos morros, onde os construtores fazem devastações desnecessárias em terrenos que deveriam ser



Favelas: a prova da desagregação social



acabou gerando uma grande confusão em sua região central”, sustenta Contarini.

Ali a desorganização urbana é ainda mais flagrante, segundo salienta Aluísio, devido à concentração, no miolo da cidade, de casas comerciais, escritórios, oficinas e casas residenciais, tudo amontoado em ruas estreitas e sem estacionamento organizado.

Um dos problemas que, na opinião de Contarini, está sendo amenizado, é o de trânsito. Isto devido ao sistema viário ora em implantação na cidade, “mas que ainda deverá sofrer alterações sob vários aspectos”. Outro problema que merece ser visto com muita atenção, disse, é com relação ao gabarito dos prédios construídos na cidade. Para ele, a municipalidade deveria liberar os gabaritos com a condição de que as construtoras destinassem uma área livre, no entorno do imóvel, com arborização e estacionamento próprio, colaborando com um fluxo mais livre do trânsito no centro.

O arquiteto urbanista Paulo Mendes Glória acha que a questão do gabarito deve ser discutida com muito cuidado. Mas não concorda com a liberação do gabarito deva estar condicionada à construção de áreas de estacionamento. É favorável à exigência pura e simples da construção de estacionamento. Porém, sem radicalismo.

## Aglomerados

Outro problema mencionado pelos técnicos e que já ameaça explodir em médio prazo é a proliferação de aglomerados urbanos em plena desagregação social: as favelas. Garantem que, se não forem tomadas medidas urgentes, este problema ficará praticamente insolúvel para a cidade.

— Afinal de contas, quais são os critérios adotados atualmente pela municipalidade para a ocupação dos bairros periféricos? Questiona Aluísio Contarini. Para ele, de nada adianta os construtores encaminharem os projetos à Prefeitura se, logo após, descumprem as normas estabelecidas para a planta. Argumenta, ainda, que é muito difícil para o construtor seguir os critérios de construção da Prefeitura, visto que elevam muito os custos da obra e tornam o preço dos imóveis proibitivos.

Contarini chama a atenção para a inexistência de um levantamento topográfico do município, o que ocasiona a construção em locais totalmente inadequados. “Cachoeiro possui um relevo muito acidentado e algumas casas acabam sendo instaladas em morros com inclinação superior ao que engenheiros de bom senso permitiriam”.

## Devastação

A ocupação dos morros dá-se, portan-

do, preservados. E o pior é que a destruição florestal e a ausência de muros de arrimo nos morros ocasionam o fenômeno da erosão, o que torna iminente o risco de deslizamento de terra, ameaçando a vida dos moradores.

“Daí — acentua — a necessidade de elaboração de um PDU torna-se cada vez mais gritante, visto que a construção devidamente planejada de prédios na área periférica da cidade serviria, possivelmente, para desafogar a grande concentração urbana no coração da cidade. Mas o que acontece é que os loteamentos continuam se expandindo sem que a municipalidade tome qualquer providência”.

Segundo pensa o arquiteto urbanista Paulo Mendes Glória, alguns aglomerados urbanos da periferia da cidade já podem ser classificados como favelas, se se deixar de lado o bairrismo do povo cachoeirense que não aceita a existência desses bolsões de pobreza. “Nestes locais, verifica-se flagrantemente a desagregação social. Ali, os esgotos se pronunciam a céu aberto pelas ruas, não existe rede de água, iluminação pública ou sinal de pavimentação das vias.

## Humanização política

Já a socióloga Vera Lúcia Dias acha que é hora dos políticos se sensibilizarem quanto à questão urbana do município, não permitindo que suas conveniências individuais intervenham no crescimento e humanização da cidade. Para ela, o conceito técnico de favela — “aglomerado de casas, caracterizando uma situação de desordem” — não pode ser enquadrado no caso de Cachoeiro. Em sua opinião, o que existe são habitações localizadas em bairros periféricos em condições de extrema precariedade. Mas, tais ingredientes, segundo pensa, estão muito próximos de atingir o fenômeno de desagregação social.

Já a bióloga Marilem Schiavini de Araújo chama a atenção para o esgoto residencial que é despejado, sem qualquer tratamento, no rio Itapemirim. “Pior do que atentar para este fato — diz ela — é lembrar que a população da periferia tem que conviver com os esgotos desprotegidos ante a porta das próprias casas, com seus filhos brincando em poços fétidos e totalmente sujeitos ao contágio de doenças infecciosas”.

## Coliformes fecais

Schiavini acentua: “Já foi feita, inclusive, uma análise da água do rio Itapemirim, mas poucas pessoas daqui estão conscientes de que o rio é impróprio para o contato “in natura” de seres humanos, devido à grande quantidade de coliformes fecais de-

tectada pelo Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica (Dnaee) no manancial”.

Uma outra questão muito atacada pelos técnicos é quanto à instalação inadequada de indústrias na cidade. “As marmorarias foram deslocadas repentinamente para o lado do bairro BNH e proximidades do aeroporto, ficando a montante do rio Itapemirim e contrariando totalmente a legislação ambiental. Em alguns bairros periféricos, como é o caso do Coramara, chegam a existir oito indústrias de mármore concentradas. Os detritos que despejam no córrego local são altamente prejudiciais para a população, principalmente em épocas de chuva”, registra ela.

— Existem casos de instalações industriais em Cachoeiro que chegam mesmo até a se constituir numa verdadeira afronta para a população — revela Schiavini. Exemplificando, ela citou o caso da Marmoraria Marsal que, ao ser instalada no bairro Ilha da Luz, próximo à área central da cidade, alterou o curso do rio Itapemirim e hoje é ainda mantida nas mesmas condições, sem que houvesse qualquer revisão do caso. A indústria não possui sequer espaço suficiente para a construção de tanques de decantação para atender a seu potencial produtivo.

## Sugestões

Na opinião de Contarini, os problemas básicos da cidade só serão resolvidos a partir do equacionamento do quadro urbanístico do município. Ele defende, como premissas básicas, os seguintes itens: descentralização das atividades no centro da cidade, recuperação da bacia do rio Itapemirim, saneamento das indústrias poluentes e/ou seu deslocamento para locais mais adequados.

O arquiteto Paulo Mendes Glória é favorável ao reaproveitamento do rio Itapemirim como meio de navegação. Ele próprio já desenvolveu um trabalho defendendo a recuperação do manancial, envolvendo um reflorestamento sistemático ao longo da bacia hidrográfica, dividindo-a em setores adequados a dar vazão ao abastecimento agrícola da cidade.

Ele também acredita, a partir de um trabalho de saneamento do rio — com a implantação de estações de tratamento dos córregos do manancial —, que seria viável criar um projeto turístico na região, onde o rio desempenharia um papel preponderante como via de acesso a várias localidades que, em suas margens, ainda resistem às intempéries poluítivas e à devastação.